

# REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE DE

## PARTHENON LITTERARIO

---

2.<sup>a</sup> SÉRIE — NOVEMBRO DE 1872 — N.º 3.

---

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1872

**Commissão de redacção**

Vasco de Arango e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio Virissimo de Bittencourt.  
Francisco J. de Sá Brito.  
Manoel Gonçalves Junior.

**Redactor de mez**

Manoel Gonçalves Junior.

**Directores**

Achilles Porto Alegre.  
Hilario Ribeiro.





J.B.

Lith. Imp. N. 2. 1860.

**DELFINA BENIGNA DA CUNHA.**

## ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

### D. DELFINA BENIGNA DA CUNHA

A provincia do Rio Grande deve sempre ufanar-se de ter sido a patria de D. Delfina da Cunha, uma das mais distinctas poetizas brasileiras, já por seu brilhante éstro, já por sua elevação de espirito, sobrepujando á desventura, que, tomando-a no berço, foi-lhe guia até á sepultura.

Coração cheio de doces sentimentos, alma repassada de uma tristura infinda, D. Delfina da Cunha modulava carmes que bem exprimião pezares.

Era uma infeliz talvez, que, não podendo vêr o recamo do céo e das campinas, exhalava suspiros, que gemião com as brisas embalsamadas, e ião transformar-se em hymnos de adoração aos pés de Deus.

Nasceu D. Delfina da Cunha em a estancia do Pontal, de S. José do Norte, em 17 de Junho de 1791, sendo seus pais o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes e sua mulher D. Maria de Paula e Cunha.

Aos 20 mezes de idade, quando foi a provincia assaltada pela epidemia das hexigas, D. Delfina, ferida pelo terrivel flagello, tinha as faces humedecidas pelo angustioso pranto de seus pais,

que em fervorosos votos, e curvados sobre o seu berço, pedião a Deus a salvação d'aquella que lhes era doce consolo na vida, e objecto de seus mais puros affectos.

Deus ouviu as preces cordiaes que a seus pés subião, e a infeliz creança ergueu-se, tendo na frente a luz divina da inspiração.

Mas a doença terrivel quiz deixar vestigios de sua passagem, privando da vista a infeliz apenas no despontar da vida.

Era uma magoa profunda a dilacerar-lhe o coração revestido de sublimes virtudes, e por certo a causa da doce melancolia, que repassava os seus versos.

D. Delfina da Cunha, tacteando nas sombras de uma noite eterna, consolava-se nos cantos que produzia como um reflexo de sua alma.

Foi uma de suas primeiras composições o seguinte soneto, em que traduzem-se os pezares que lhe ião no coração:

Vinte vezes a lua prateada  
Inteiro rosto seu mostrado havia.  
Quando terrivel mal que já soffria,  
Me tornou para sempre desgraçada.

De vêr o cêo e o sol seudo privada,  
Cresceu a par de mim a magoa impia;  
Desde então a mortal melancolia  
Se vio em meu semblante debuxada.

Sensível toração deu-me a natura,  
E a fortuna, cruel sempre comigo,  
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve comsigo;  
Só para terminar minha amargura  
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo.

Que harmonia, e ao mesmo tempo que tristeza!

Mas era natural; não lhe bastava a luz do genio, era mister a luz da vista que a desgraça lhe arrebatára.

Ella ouvia o sussurro dos regatos, o segredar das brisas por entre as flores, e o modular das aves; mas não via o esmeraldino das campinas, o brilho do sol e das estrellas, a placidez dos lagos espelhando o azul dos céos, o magestoso emfim da natureza.

Se a sua imaginação ardente esvoaçava ás vezes em rebrihlos, tambem subito tombava, assaltado o espirito pela idéa da desgraça que a ferira.

D. Delfina era uma poetisa-genio, não via o que cantava, e no entanto dedilhava doces accordes em sua lyra de oiro.

Sonhos mimosos povoavão-lhe, talvez, o espirito de imagens seraphicas, que lhe inspiravão, e então canticos singellos desprendião-se de seus labios.

A's vezes, como que esquecendo pezares, ella começava a cantar com o riso no coração, e remontava-se fagueira rompendo o espaço; mas logo esvaecia-se aquelle riso ao grito doloroso da alma, debatendo-se aos vendavaes do infortunio.

Além da tristura que a acompanhava, D. Delfina da Cunha passou em 1826 pelo dissabor de perder seu pai. golpe que renovou-se em 1833, pelo fallecimento de sua boa mãe.

Mais deserto assim seu coração, e pungido pela saudade filial, exhalou doridos suspiros, ungidos da mais doce melancolia.

Disse ella em sua justa lamentação :

Foi perdendo-os, que eu vi, que nada via,  
E assim, duas vezes de meus olhos  
Vi sumir-se essa luz maravilhosa,  
Essa luz, que procuro, e que não acho . . .

D. Delfina tendo implorado a clemencia do Sr. D. Pedro I, assim se dirigio áquelle monarcha :

Quem te falla, senhor, quem te saúda,  
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;  
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,  
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assás lhe ajuda  
De uma vida que á morte é semelhante,  
Não chegue ser afflicta mendigante  
Quem um tal protector roga lhe acuda.

E' por ti que eu espero ser contente,  
E supponho, senhor, que não me illudo,  
De tua alma a piedade está patente:

Que tenho em Pedro, o grande, um fort' escudo,  
Creio, folgo, e affirmo affoutamente,  
Que és pai, és bemfeitor, és nume, és tudo.

Alcançou uma pensão em attenção aos relevantes serviços prestados por seu pai na carreira das armas; e pouco tempo depois deste facto, ella publicou as poesias offerecidas ás suas patricias, e cujo prologo é este :

Em versos não cadentes, ó leitores,  
Vereis os males meus, vereis meus damnos;  
Da primavera as galas e os verdores  
Não forão para os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia exp'rimentei rigores  
De meus fados crucis sempre inhumanos,  
Que so me destinarão dissabores,  
Meus males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz que o sol envia.  
Versos dignos de vós tecer não posso;  
Desculpai minha ousada phantasia.

Com estes cantos meus, mortaes, adoco  
A magoa, que o meu estro só respira;  
Se merito lhe dais, é todo vosso.

Tendo rebentado a guerra civil na provincia, e que durou 9 annos, derramando inutilmente o sangue brasileiro, foi D. Delfina obrigada a procurar um asylo no Rio de Janeiro, onde já havia estado por occasião de dirigir-se ao Sr. D. Pedro I.

Ali conservou-se por algum tempo, sendo-lhe dispensado sempre bom acolhimento.

Voltou de novo á provincia, onde pouco demorou-se, empreendendo outras viagens ao Rio e á Bahia.

Aqui fez ella duas reimpressões de suas producções poeticas, entre as quaes sobresaem — a em que celebra o triumpho da independencia nacional, a em que canta os favores que recebera de D. Pedro, a em que retribue os encomios que lhe tecerão os poetas seus contemporaneos, e outras.

A breve noticia que escrevemos sobre D. Delfina, cognominada vulgarmente a — Cêga —, não nos permite dizer mais; e mesmo quando o tentamos fazer, faltar-nos-hião dados, aliás difficéis de obter. Valeu-nos agora o livro — Brasileiras celebres, do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, que a respeito desta brasileira pouco diz.

Concluimos, pois, citando a data do fallecimento da insigne poetisa, o qual teve lugar no anno de 1857.

ARAÚJO E SILVA.

---



# O VAQUEANO

( NARRATIVA )

---

XVII

## A GAVOTTA FATAL

Seguiu-se um baile.

A familia de Capinchos compareceu com outras dos arredores. Rosita tinha então quinze annos.

Jámais pubescencia radiára com tanto viço e frescor ao sol da vida. Não era dessas figuras aéreas de nossas cidades, que tão appropriadamente os poetas de hoje, sem sabel-o, chamão visões vaporosas. Não, n'ella havia a belleza physica em toda a plenitude: contórnos cheios, guardando a mais exacta eurithmia em suas partes e a flexibilidade da creciuma n'um porte de palmeira. A fina cutis transparecia reflexos roseos e não o morbido pallor, que hoje faz o encanto de tantos olhos degenerados e myopes. Era uma creação que destacaria esplendida do cinzel d'um Scopas ou da téla d'um Praxiteles; o typo da serrana rio-grandense que traz em si a pureza de linhas no perfil como o ar que respira-se nas cordilheiras.

Porém, nos olhos é que ella vivia e reconcentrava toda a al-

ma, intelligencia, graças, pudor, donaire e vida ; nos olhos tão meigos e melancolicos, velados pela sombra d'uma scisma, quando vagueiavão após o indefinido e dubio de um sentimento, que ella ainda não conhecia ; tão mimosos, castos, risonhos e travessos entre as galas florescentes dos quinze annos ; tão esmagadores, soberanos, terriveis e deslumbrantes, se traduzião as tempestades de seu coração !

Valia a pena possuil-os ! . . . Quem não amaria o poema cujas estrophes fossem dias de ventura ? A cadêa, cujos élos fossem grinaldas de balsamicas flores ?

Eis a linda moça com que já ao principio travamos conhecimento ! Quão differentes não são os periodos ! ? Que distancia entre ambos ! ? Como a vemos e como vimol-a ! ? Aqui ala nas ázas doiradas de um sonho para as devesas do infinito, o porvir é a nuvem rozicler que baloiça á viração matutina, a existencia é um sorriso de anjo ; lá, o coração geme ao peso de uma realidade tremenda, desabrido tufão encapella o temporal n'un céu de bronze, a esperança aponta-lhe um tumulto, como o marco de repouso.

A historia de sua felicidade foi curta, como vão vêr.

O baile esteve animado. O véo da tristeza, se velava ali algum semblante, breve cahio.

A dansa porventura espedaçou-o em seus vortices rápidos e doidejantes.

As violas, machêtes e duas flautas esparecião os animos em cada retornello, em cada nota desferida. Os tocadores gradativamente forão tomados de entusiasmo, e arrancavão á porfia dos rudes instrumentos melodias em delirio.

Campava o fandango em suas multiplas especies, e como novidade da epocha a gavotta, que nascera na opera franceza no seculo anterior e fôra depois preparada para os salões por Gardel. Quando a Europa cançara de ouvir e vêr a interessante combinação choreographica, ella fez sua entrada na America.

O baile, em que todos tomavão parte, interrompia-se, só o cavalleiro e a dama, que ião executal-a, ficavão no meio da sala.

Avençal dansando-a com Rosita tivera uma noite de triumphos.

Que lindo par, disserão a uma voz, quando os virão a primeira vez.

Como todos os olhares convergirão sobre elles, osdevorarão !

E como ião bem, encetando-a com o passo de minuête grave e tristonho, seguido de um movimento ao principio lento, augmentando pouco a pouco até o meneio delirante, a florêta febril, a alegria no auge ? !

● moço n'aquelle momento esquecera as idéas sinistras, que

o preocupavão de ordinario para voar no turbilhão da insania!

Os odios do mundo esvaecerão para fazel-o gosar fruições celestes, raras na existencia. por isso mesmo mais preciosas.

Ambos no arroubo dos sentidos agitavão-se em louco prazer. A face ardia-lhes purpureada pelo exercicio, os seios arquejavão de fadiga voluptuosa.

Durou um quarto de hora.

Quando terminarão, cubrirão-n'os de applausos.

Só Moysés não bulio.

A um canto vira com mãos olhos, o que o proprio Amaral approvava.

O mulato não abandonára de todo as suspeitas sobre o exposteiro. Se nunca ás communicára a outrem retido pela duvida, não era porque a mesma antevidencia não lhe sombreasse a frente. Uma voz intima lhe dizia: se algum dia descobrisse o bandido que trucidára a familia de Avençal, não seria outro senão Capinchos. Talvez prevenido porquanto este o fizera alvo de analoga accusação.

— O rapaz é capaz de arrastar cambão pela Rosita, reflectia Moysés, e se o pai é o tratante do assassino, elle a refugará ante a idéa de matal-o, como diante de um çasamento. Careço de affastal-o de tal genticinha de minha quisilia; trago-a sempre pelo gasnete . . .

Terminado o sarão, quando preparava o arrasoado para indispôr o moço contra Rosita, uma india veio referir aos guaycans que a taba tinha sido assaltada na vespera por uma tribo do norte, que lhes levára os utensilios, mulheres e filhos.

O grito de guerra dos selvagens sôou, e o mulato teve que partir com os irmãos da floresta.

Quasi um mez decorreu até á volta.

O que desconfiava, aconteceu.

José de Avençal e Rosita amavão-se até o delirio. Rútila inflorescencia que viçava com toda a ceiva do affecto, toda a vitalidade da paixão n'aquellas almas virgens e innocentes!

Attracção que os unia uma vez para não separal-as jámais, amor primeiro e unico que devia ser infeliz pelos erros dos antepassados!

Amavão-se, consubstanciavão-se n'uma só entidade, vivião por um mesmo pensamento, as mesmas aspirações e sonhos!

Pobres crianças!

A primavera é bella, mas o futuro é negro!

Emquanto as nuvens presagas, d'onde pende o tufão, não o desprenderem, aproveitem as migalhas da ventura, corraõ o prado da vida, colhão suas flores, entrancem-n'as aos cabel-

los . . . amanhã será tarde, o vento virá, e heis de vê-las esfolhadas em volutabros, tristes e flaccidas! . . .

Pobres crianças! Nem vêm o que já se passa em torno!

Capinchos, cujo rosto á chegada de Avençal ficava annuviado e taciturno, agora andava satisfeito. Já fallava no proximo casamento de ambos, affirmando que semelhante alliança constituia para elle a suprema felicidade na terra.

Moysés não menos sombrio.

Felizmente vendo os negocios mal parados, não quiz turbal-os nos castos devanços.

Poupou-lhes por algum tempo o travo da taça amarga que tinham de prelibar.

Em retorno exigio um juramento sobre uma sepultura.

Forão testemunhas no acto terrivel e solemne: Deus, a consciencia, o mulato e os espiritos evocados da outra margem da existencia: a eternidade.

— Juro, pronunciou calmo e firme, que esta mão, meus queridos pais, meus innocentes irmãosinhos, não desposará a Rosita, o que mais amo na terra, sem tê-la lavado d'uma nodoa.

— Basta.

E ambos abraçarão-se.

Em seguida vergarão o joelho sobre á terra da campa, e os labios pronunciarão fervorosa oração, enquanto as palpebras instillavão fio a fio serenas lagrimas de saudade.

Pelo dorso da mata perpassou um arrepio.

Um caboré, cortando o ar, soltou um guincho dolente.

O mais continuou como sempre.

No mesmo dia chegou um mensageiro da parte de Amaral.

O cavalheiro enviava muito saudar e a recommendação especial de não aviar com os negocios de familia, sem que elle tomasse parte ao menos, como testemunha.

Os negocios de familia erão a vingança ha tanto preparada.

## XVIII

### A MARCA DE CAPINCHOS

Estava-se em 1827.

Era por uma noite de procella. O ribombo dos trovões augmentava de intensidade nas cavernas e profundezas serris, a

Chuva cahia em grossas bâtegas, que ião açoitar phreneticamente a casa da estancia, e a rajada do vendaval tinha escassas intermittencias. A terra convulsava ao clarear incessante dos relampagos. Era a epilepsia da natureza! O pandemonio transmudado para a Vaccaria!

Torrentes espumeas, levando de envolta troncos e rochas, despenhavam pela rampa dos morros, colleavam em catadupas pelos convalles e desfiladeiros, e frementes e rapidas arrojavam as vagas da innundação sobre as uberrimas pastagens.

A abobada do céu era de uma phosphorencia deslumbrante e assustadora, cuspindo, a raros intervallos, um chuveiro de faiscas electricas.

No entretanto um homem desvivia fóra daquelle tumulto. Na sala recostado á mesa, alheio a quaesquer sensações transmittidas do exterior, em intimo recólho d'alma, elle transbordava de prazer na contemplação de uma imagem que havia-se encarnado em sua pessoa. Elle, com os cilios semi-cerrados em doce languidez a via destacar dentro da retina; a sentia unida a seu coração, tão unida como dois cactos gemeos, como dois raios de uma mesma estrellá, duas petalas de uma mesma flôr.

A imaginação o arrebatava do mundo em suas azas coloridas e o deixava entrevêr — uma mansão de felicidade celeste ao lado do anjo que lhe absorvia todos os sentidos.

Baterão de rijo á porta, e antes que o despertassem, foi necessario repetir as pancadas por varias vezes.

Ergueu-se ao ruido, sacudio os anneis de cabello derramados sobre a testa e foi abrir.

— Que noite horrivel! Quem será capaz de andar a taes deshoras e com um temporal d'estes?

Correu os ferrolhos.

A lufada escancarou os batentes.

O mulato, que ha muito não lhe apparecia, surgio entre os umbraes, entrou e arremessando de si o ponche talar impregnado d'agua, cingio com ternura o mancebo.

— Com tal tempo, Moysés?

— Cumpro um voto, Avençal, respondeu com solemnidade.

— Qual?

Não obteve resposta.

— Eu te quero como um filho.

— Tenho bem vivas provas . . .

Elle atalhou-o :

— Isso não! que não pude dar ainda como sinto aqui, e põz a mão sobre o peito. Sabes o que recorda esta sala?

— Um crime que clama vingança.

E uma ligeira sombra turbou-lhe o rosto.

— Pois bem, pé no estribo e ávante !

— Descubriste ! Interrogou com impetuosidade.

— Sabes que teu pai, se morreu, foi fóra d'aqui.

— Sei.

— Amanhã antes que as barras do dia apontem, estaremos de marcha.

— Uma viagem ?

— Perto, umas cincoenta quadras.

Com escuro partirão. O tempo estiava e promettia um bonito dia.

Breve deixarão o campo e sumirão-se sob o docel da folhagem pendente em laçarias que gottejavão brilhantes á luz matutina.

Ião silenciosos, embebidos em negros cogitares.

Em torno tudo respirava alegria.

Após uma noite tempestuosa, nada ha de comparavel ao albor da bonança. A vegetação, que abatera, retoma mais viço e esmeraldino esmalte, mais espalma e estende as ramas ; o chilro dos passaros tem mais frescura e melodia ; é o idyllio grandioso da natureza, que se expande depois de um espasmo de terror.

O sol já marcava seis horas, quando chegarão junto a uma cangirana secular.

— Aqui, disse o caçador.

Pararão.

No chão havia grande parte de um esqueleto. Faltava-lhe o lado direito desde o femur.

— Eis os restos de teu pai.

O moço curvou-se reverente. orou.

Moyisés fez outro tanto.

Igual motivo os unia.

A prece no sertão é sublime. Parece que Deus deve ser mais vizível no espectáculo maravilhoso da criação. Crér-se-hia ali que cada folha, cada brisa, cada volátil, murmurão seu nome em mystico segredar, cada gotta espelha sua immensidade. Quantas vezes o homem a sós, no regaço da floresta, não ouve ruidos indefiniveis, que elle não pôde adunar no espirito a coisa alguma conhecida ? Ora, suave cicio, como a nota de uma harpa eolia a prurir-lhe a alma ; ora, um som profundo e mysterioso a premar-lhe o anhelito no labio ? Sempre como uma voz que faz vibrar-lhe as fibras do sensorio, uma por uma, chamando-o a cogitações transcendentés sobre o immaterial ?

Quein falla nas solidões ?

D'onde vem o mysterio que recolhe a alma nas mais reconditas dobras de sua essencia ?

Porque essa especie de respeito, melancolia e terror, que nos possue sob o pavilhão viridante das selvas ?

Não será a intuição do infinito?

O mesmo phenomeno moral que observamos nos vastos plainos do mar, quando aos pés temos os abysmos imprescrutaveis das aguas, e sobre a fronte os abysmos sem fim do firmamento?

Por isso cremos que não ha templo, onde a oração seja mais sincera e mais ouvida.

Em nossas cidades, estabulos em que se embotão as santas crenças e os ternos sentimentos, o labio balbucia geralmente o que não sente o coração. Dos fieis que enchem o recinto de uma igreja, poucos resão com unccão, os mais satisfazem as conveniencias sociaes cumprindo authomaticamente as fórmulas de uma etiqueta. O culto das cidades, nos tempos que vão, é uma mentira, uma profanação consequentemente. Tambem o Senhor não se mostra nos fócios de egoismo e hypocrisia; não tendo levitas, nem adoradores, — deixa os rebanhos contaminados pela febre do oiro, pelo virus de interesses reprovados, e deixa-os para não vê-los escravos de si, dos vicios e do crime . . .

Vai receber o voto das almas como Avençal e Moysés.

Erguerão-se os dois homens bastante commovidos.

Moysés mostrou uma veronica de metal no torso do esqueleto.

— Eis o como o conheci. Sabes onde foi ferido? No coração traiçoeiramente. E tirou d'entre as duas costellas uma faca cravada até o cabo. Apenas sahio este, o ferro estava carcomido pela ferrugem.

— Enterremos os ossos, e mostrou á Avençal uma cova feita.

O moço preencheu para com os despojos paternos as ultimas honras funebres, resoluta, porém, sem dizer palavra. O mulato affastou-se por espaço, voltando logo. Trazia a femur e a ossada da perna e do pé.

— Alguma fera levou-os, de certo, para longe.

Cheia de terra a cova, puzerão sobre um cruzeiro tosco de madeira, de antemão preparado.

Avençal estendeu o braço para o symbolo das redempções e deixou cahir com ligeira emoção estas palavras:

— Meu pai, mais tres dias, e teu assassino não verá o sol nascer.

Voltou-se para Moysés:

— Agora partamos . . . Antes diz quem foi elle . . . .  
Quem foi?

— Vês isto? E indigitou-lhe um esqueiro meio soterrado no solo e oxidado pela acção do tempo. Tomou-o no chão e entregou-o juntamente com o cabo da faca, que era de chifre com rudes lavores.

— Então ?

— Continuemos.

— Moysés ! ?

— Ainda mais provas heis de ver.

Continuemos.

Devorarão mais algumas dez braças.

Moysés parou. Fez-lhe ver um novo objecto, que pelos vestígios mostrava ter estado também encravado na terra. Era uma enorme chilena de prata.

Entregou-a ao moço, que o contemplava como quem não o comprehendia.

Retrocedeu, sem responder-lhe á muda interrogação do gesto, e em igual distancia da cangirana, na parte opposta, colheu um fragmento de páo, um tanto eivado e sem côr distincta.

— Era de cotia, disse, foi cabo de rêlho, a açoiteira apodreceu, eis o buraco em que entrava o tento e ali está a argola. Gil de Avençal foi batido primeiro com isto . . . aqui . . . A bordada atordoou-o e depois chegou a vez da faca . . . Sim, foi aqui . . . pela banda de lá, fugio . . . E emmudeceu vergando a frente.

— Ainda não ?

O caçador fallou grave e pousadamente :

— Ha cinco dias fiz a descoberta que vês, meu amigo, meu filho . . . Passei muito por perto desta arvore e nada via. . . As provas do crime estavam escondidas debaixo de galheira secca e troncos atravessados. Descobri por um bamburro. Eu corria uma anta. O animal na carreira desembestada levou a madeira por diante e deixou-me vêr a ossamenta. Mas eu tremo em dizer o nome de quem . . .

Foi interrompido por uma explosão :

— Não sou nenhuma criança, Moysés ! Se vivo, sabcs bem para que é.

— Então . . .

E vacillava.

— O' falla, por Deus !

— Tens na mão o nome . . . No cabo da faca e do rêlho, no esqueiro e na chilena . . . Olha a marca . . . Coragem, meu irmão ! . . .

O moço reparou, desprendeu um grito desesperado e terrivel, abraçou-se ao estipite de um coqueiro, porque os olhos se empanavão na vertigem ao estalar do coração, e cahio nos braços de Moysés.

A marca era a mesma que tinha o gado de José Capinchos.



XIX

A CANGIRANA FUNERARIA

Tres dias depois vamos encontrar Avençal, pallido como um morto, em sua estancia.

Era uma mumia do que fôra.

A commoção moral o transformára em curto lapso. Ha um quê de avelhentado n'aquelle corpo no esflorir da juventude, uma ou outra plica já se esboça nos traços hõntem cheios de frescor e vida, hoje sombreados por um desalento precursor da morte.

As velhices prematuras são como os fructos lampos, trazem no seio acético amargume, que transparece no pallor da epiderme.

O moço está a espera de alguem.

Pelas quatro horas da tarde ouviu-se o chouto de um cavallo. Elle chegou á janella. Um ancião de barbas brancas e longas, cutis tostada com vincos profundos e verticaes no esvão da sobrançella, olhar viperino, nariz adunco como o do caracará, apeou-se do animal, onde os arreios desde a badana até a carona iriavão mil fulgores de finas pratas. O rabicho, o freio, a testeira e as cannas das redeas de delicada lonca, não carregavão menos thesouros.

Era José Capinchos.

Fizerão mutuos cumprimentos.

— Entonces, que retirada de nossa casa, Avençal? A Rosita não está muito ás boas contigo . . . Não queres deixar mais a querencia?

— Não é; vou partir. O cavalheiro de Amaral está em perigo de vida. Inimigos poderosos o rodeião. Vou partir e quem sabe se voltarei!? Moysés acompanha-me, por isso retiro-me entregando-lhe a administração da estancia.

— Mas que tu tens lá com os negocios dos outros?

— Amaral foi um pai que deparei. Minha vida e haveres pertencem-lhe, desde que os queira.

— Faz o que te bacoreja o coração; porém e o casamento?

O moço empallideceu, mas com esforço heroico respondeu sem titubar :

— Nada arreceie. Se parto, deixo a alma aqui. Tenho um thesouro occulto ali na serra, e como posso morrer vou confial-o . . .

— Um thesouro?! E os olhos lampearão.

— Ouro em pó, e fitou-o com penetração.

— Em negocios de viver e morrer . . .

— O Sr. ficará meu herdeiro universal . . . Espere-me emquanto vou desenterrar-o.

— E' longe? perguntou.

— Não muito, uma legua.

— Vou contigo.

— Para que incommodar-se !

— Vou, é perto. Era boato antigo que teu pai tinha panelas enterradas com immensas riquezas.

— Sabia?

— Por ouvir dizer.

O espirito do ex-posteiro soffria uma revolução, que se revelava nos traços e lhe fazia ir machinalmente affagar-o cabo de prata de uma faca terçada na cinta.

Miseravel creatura! Talvez estivesse pensando em matar o filho de sua victima; algoz desapiedado!

Ambos montarão a cavallo. Avençal carregava uma enxada.

Chegando na ourela da mata apoiarão-se, pozerão a mancia nos animaes e desapparecerão.

O moço percebia nos gestos de Capinchos mãos designios, precedeu-o, mas guardando distancia.

Pararão. A noite havia descido. O velho sentia calafrios, os cabellos se lhe erriçavão na cabeça.

Avençal fez ponto de respaldo no tronco da cangirana, arri-mou-se a ella com o coração aos impetos.

Capinchos, tacteando a treva, tocou a cruz. Estremeceu e perguntou em tom de terror :

— Onde estamos, José?

— Sobre a sepultura de meu pai, saltador!

A floresta illuminou-se de subito aos clarões de muitos facho-los. Ninguem appareceu; no entretanto, se fossem procurar, encontrarião no cimo das arvores, nos esgalhos, atraz dos troncos, acorados em toiceiras de arbustos, suspensos em cipós, deitados no chão, indios cujos arcos alvejavão no peito de Capin- chos.

Na penumbra da cangirana havia um vulto em pé. Seu braço apontava um mosquete na mesma direcção, sua palpebra não interceptava o raio visual, parecia a de uma estatua de marmore.

Era Moysés.

— Lembra-te d'este lugar?

— Queres *enrugar-me*, dizia suffocando o medo para travar do acicalado ferro.

— Quatorze annos ha, meu pai cahio á traição! Tu, seu amigo, foste o autor de tão negro crime!

Não quero assassinar-te, velho, quero matar-te junto desta cruz . . . Vês? no chão ha armas de toda a sorte.

Escolhe . . . Devia tratar-te como um pèrro.

O outro retrucou com audacia:

— Como me trouceste, té aqui, caboteiro, senão por embustes?!

— E crês que uma vingança não é um thesouro? Pesado, velho, bem pesado! Fez estalar-me o coração!

Capinchos ia dar um bote como uma caninana enfurecida.

Um grito terrivel abalou a floresta.

— Tênto, Avençal! Não brinques com a cobra. Basta de negacciar.

Era tão onco e subterraneo, que dir-se-hia sahir da terra.

Era o caçador.

Capinchos saltou sobre uma espada e enveredou para o mancebo; este aparou o golpe que resvalou pela enxada e com um movimento rapido abaixou e tomou outra.

As laminas cruzarão.

— Por minha mãe, e fustigou-lle a face.

— Elle cahio de joelhos.

— Em nome de Rosita, não me mates . . . Sou um infame, mas perdôa-me. Perdão! Moço, não queiras gloria sobre um homem morto, quebrado pelos annos . . . Sim, José . . . Pelo amor que tens a Rosita! . . .

Avençal arremessou a espada para longe de si.

— Não posso . . . não posso!

Moysés appareceu terrivel como uma borrasca.

— José, que fazes? bramou.

— Moysés, não posso . . .

— Então . . . Tambem eu tive um pai; vou vingal-o, porque tremeste, irmão branco! . . . O filho mulato fará o que não fizeste . . .

O ex-posteiro aproveitando o colloquio que apartava a attenção d'elle, ia atirar-se sobre elles, quando ouvio-se o ciciante estridor como de um bando de passaros ao levantar o vôo. Era uma chuva de frechas que forão embeber-se-lhe no peito.

Estava morto sem exhalar um gemido.

Os guaycanans mostrarão a face de cobre por toda a parte.

O caçador contemplou o cadaver nas ultimas contorsões com despreso.

Tinha tantas frechas que um indio comparou-o a um coandú.

— Enforquem-o no galho por cima da cruz. Amanhã os urubús terãõ pasto, se quizerem comer carne tão ruim.

Os selvagens obedecerãõ em silencio.

Voltou-se para o irmão, que assistia o espectaculo sem consciencia.

— Te offendi, José, perdõa-me.

O outro cahio-lhe nos braços desfeito em soluços.

— Moysés, eu parto; vou morrer por ahi, caminhando . . . Fica com os meus cabedaes.

— Estás louco!? Sou rico demais, sou senhor dos matos.

— Então reparte com os meus escravos . . . A vida é in-supportavel . . . quero morrer.

— Não partirás . . .

— O' Rosita! . . . Rosita! . . .

E chorava como uma criança no estiolar das doces illusões o sonhos queridos . . .

O mulato sacudio a cabeça com tristeza e monologou mentalmente:

— Aquella gavotta botou tudo a perder! Eu bem pensava, mal que batesse palmas o bem fallante do cavalheiro.

## XX

### VAQUEANIA

No dia seguinte André recebia um bilhete d'este theor, pouco mais ou menos:

« Em combate frente a frente comigo teu pai morreu.

« Descobri n'elle o assassino de minha familia; as provas ahi vão . . . Fui eu, eu só, não culpem outro; tambem morri para o mundo. »

Rosita teve uma supplica verbal: que rezasse por elle, pois o que elle soffria só Deus era sabedor.

E sumio-se da Vaccaria.

Desde então viveu a caminhar. E caminhava de sol a sol!

Vinda a estrella do occaso, desencilhava a cavalgadura, estendia por terra as caronas e a manta, debruçava a fronte exausta sobre o lombillo, rude travesseiro do rio-grandense em viagem, e dormia!

O' ninguem lhe invejasse o repouso!

Que de ephialtas medonhos o recôrdo do passado lhe suggeria á imaginação livre, sem pêas na syncope do somno?!

Sopitava o corpo quebrado da ardua provança do dia; a alma agonisava no martyrio devorador de annos.

Mal o frouxo clarão da alvorada começava de jaspear o horisonte, verão ou inverno, e eil-o de pé, e de novo a volver ás vertiginosas marchas, a buscar perigos, a exaurir gotta a gotta o alento exhuberante de sua compleição athletica. Não o perdia, no entretanto; algumas horas de descanso durante a noite renovavão a força perdida; Antêo de um supplêo sem nome apenas tocava a terra, remoçava; a propria febre do desespero o nutria. A revêzes escoou-lhe pelo cerebro o suicidio, como a unica taboa de salvação; recuava, não por medo, mas porque o assemelhava a um desertor, pécha para elle mais aviltante que a morte.

— Cumpra-se o mão fado, dizia.

E caminhava adiante.

Corria do Prata até a feira de Sorocaba, das courellas do litoral ás fraldas dos Andes. Não havia trilha em tão larga área, que elle não tivesse pisado, torrão de que na memoria não guardasse os delineamentos do perfil.

Não tinha pouso certo e nunca acontecera ficar duas noites a cito n'um mesmo sitio, sendo raramente nos povoados, cujo reboliço o inquietava. A campanha immensa ondeiando em cochilhas, salpicada de capões, como oasis do deserto, o sêrro empinado entestando as franças com os céos, davão alguma tregoa á magoa que o flagellava. A solidão da natureza consorciava-se á solidão de sua alma; comprehendião-se talvez.

Uma trazia a expressão indefinida da criação depois de muitos cataclismos, a outra o sello de uma agonia sem termo. Sob o manto verde do campo e sob o peito do homem, sentião-se dois infinitos intraduziveis, duas almas cheias de vida, porém n'uma luta titanica com os involucros, que as revestião. O globo e o homem são uma série de revoluções. Os seculos as assignalão por camadas e gerações.

José de Avençal apezar do genio que lhe era peculiar e o isolava do mundo, não havia quem o não conhecesse.

Como Bento Gonçalves, a gloria tradicional do Rio Grande, como Claudio o Contador, a maravilha de olhar de lynce, como

Quadrado — nosso Democrito, e tantas outras popularidades da época, onde passava, apontavão-n'o com o dedo.

A profissão que escolhera ainda mais augmentava a celebridade.

O que é a vaqueania senão a variedade de conhecimentos e relações a cada instante, nas viagens e trajectos? O que é um guia, o cicerone de estradas, páramos e desertos, senão o homem de todo o mundo, a quem procurão para as peregrinações e mudanças, a quem confião vida e thesouros por ermos campos e bravios sertões.

É a elle podião entregar-se em corpo e alma. De mais fiel e seguro conductor não se sabia.

Ahasvero do infortunio, não era por cobiça de salario, nem pela mera ambição de accumular fortuna, ceutil a ceutil, que errava sobre a terra. Outro movel o impellia ás immensas jornadas, outra lei levava o pallido caminheiro a longos estirões. Buscava affogar no cansaço do dia as atribulações do espirito.

Dinheiro!? Tacs naturezas não roção na moeda que azinhavra, podião corromper-se ao attricto. Não são feitas para a craveira das mediocridades, rebanho de miserias brotadas em cada angulo, como a má herva. Apurarão-se no cadinho do soffrimento, despirão o manto enlodado para revestir a tunica de Christo, aureola da apothéose.

Dinheiro!? Não o recusava, no entanto, o vaqueano . . . Era uma propriedade adquirida pelo trabalho; aceitava-o do rico e ia de passagem com elle enxugar a lagrima do pobre.

Para si não carecia. Viajor da fatalidade tinha bastante no cavallo, fido companheiro das lidas, e nos arreios, camilha da noite. O mais encontrava em qualquer choupana hospedeira.

Contavão o seguinte a respeito do desprezo que votava ao metal, unico rei da sociedade humana.

Guiava, por exigua e sombria picada do rincão da « Cabeça funda » ás margens do arroio Colorado, um negociante em viagem de Bagé a Caçapava. A picada esmorecia n'um fachinal.

Ao chegarem ali, dois vultos erigirão o porte d'entre os raleiros de folhas; um desfechou a pistola, cujo balazio esfloreceu face ao viajante; o outro não teve tempo para fazel-o, a faca do vaqueano, como alada gitirinaboia, cortando os ares embebeuse-lhe na garganta, e um corpo medio a terra redondamente. O primeiro vendo frustrada a tentativa fugio em direcção a agua, porém a armadilha do laço de Avençal tomando-o pela cintura, reteve-o na carreira. Isto foi obra de minutos. Fôra uma espera armada em consequencia de um litigio de terras.

Chegados em Caçapava o homem de trato derramou a guaya-

ca de onças nas mãos de Avençaal, que recusou offendido da recompensa.

— Não foi do conchavo, amigo.

— Veja que salvou-me a vida!

— A vida vale mais do que uma ponchada de onças. Aceito o reconhecimento, e repellio com a mão o ouro para sobre uma mesa. Partio para S. Gabriel.

A' algumas leguas um próprio veio encontral-o, entregou uma bolsa de couro e sem mais explicações déra de redea. Abrindo-a, vio o dinheiro. O negociante resistira em galardoa-o. Apresilhou a um tento a bolsa e proseguio na tirada.

Quando atravessava a cochilha do Fidelis, teve de parar n'um rancho na orla da estrada. Ahí vivia um habil lombilheiro e trançador, com trinta e seis annos e numerosa prole.

O artifice trabalhava junto á banca, á sombra de uma arvore, nos botões de um boçalete.

Elle esteve contemplando a delicadeza da filigrana, e observou depois de alguns momentos de silencio :

— Porque não vai para a cidade ?

Faria mais.

O outro levou-o para casa.

Havia dezeseite pessoas n'um largo alpendre, a mãe, doze filhas e só quatro crianças de menor idade. Uns preparavão o tenro couro de potrilho ou o desfiavão em tentos, outros trançavão os filetes da alva lonca ou o manufacturavão em obras.

— Vê? Na cidade como poderia viver com este mundo de povo ?

O argumento calou no animo do vaqueaño, sobrecesteve pensativo, tirou uma palha do bolso, cortou-a, picou um pedaço da torcida de fumo, fez o cigarro, ferio a pederneira sobre a isca de pita, e fumou; e durante que passeava, soltando immensas baforadas ao lado do guasqueiro, já de volta ao serviço, seu espirito passava pelas crises de uma immensa elaboração. Pensava em proteger o operario intelligente, sem offendel-o. Preparou o cavallo e foi ajustar umas redeas com elle, recebendo-as por modico preço.

Uma menina apresentou-lhe uma cuia de mate.

— Agradecido, minha filha, tenho pressa de chegar á S. Gabriel, leve a seu pai esta bolsa, é o dinheiro da compra.

E cavalgou como uma setta pela estrada.

O acto traduz o homem.

Talvez fossem os únicos instantes de alegria, no correr de dias amargurados, que passava !

Teve que supportar, no entanto, um golpe terrivel, mezes depois deste facto.

O Brazil abriu a campanha contra seus vizinhos do sul.

Avença! estava longe, mas corre para deixar honrosamente nos campos de batalha uma vida que lhe pesava. Já se havia empenhado a acção de Ituzaingo, e quando chegou foi para chorar a morte de Amaral, que ali acabára, trocando uma existencia inutil pelo sangue de oito perros, como elle mesmo dissera, antes de expirar.

IRIEMA.

(*Continúa.*)



# RISOS E LAGRIMAS

---

ACTO 5º

QUADRO 4º

A mesma decoração

SCENA I

**Adelaide e depois um criado**

ADELAIDE (*erguendo-se*) — Ouvi bater palmas . . . Quem será! . . .

O CRIADO (*entrando*) — Lá em baixo está uma senhora que deseja fallar-lhe.

ADELAIDE — A mim?

CRiado — Sim, senhora.

ADELAIDE — Vem só?

CRiado — Acompanha-a um homem de idade.

ADELAIDE. — Bem, dize-lhe que suba.

SCENA II

Adelaide e Octavia

OCTAVIA (*tremula*) — D. Adelaide . . .

ADELAIDE — Sou eu mesma . . . (*indicando assento*) Queira sentar-se.

OCTAVIA — Parecer-lhe-ha estranha a minha visita, no entanto . . .

ADELAIDE — Póde fallar, minha senhora, eu a escuto . . . E' verdade, o cavalheiro que a acompanhou não quiz subir?

OCTAVIA — Era meu pai, e virá buscar-me depois . . . Um poderoso motivo forçou-me a procurar V. Ex.

ADELAIDE — Peço-lhe que me conceda um tratamento mais compativel com a minha posição e aspirações. Excellencia é demasiado para uma pobre engeitada.

OCTAVIA (*à parte*) — Ingeitada!

ADELAIDE — O que deseja de mim?

OCTAVIA (*tremula*) — O que desejo?! . . .

ADELAIDE — Reccia por ventura? Acaso inspiro-lhe vãos temores? Pois acredite, está me consolando essa tristeza que diviso no seu olhar humedecido.

OCTAVIA (*à parte*) — Que mysterio! (*alto*) Pois a senhora soffre?

ADELAIDE — Admira-se?! O mundo julga sempre pela apparencia! . . . Disserrão-lhe que eu era muito rica e feliz, não é verdade? Que, enquanto outras velão as noites acurvadas sobre o costureiro, eu bocejava immersa nos coxins da indolencia ou sorria enlevada pelas harmonias ruidosas dos sarãos! . . . Foi isto o que lhe disserão, e a senhora veio ao alcaçar da fortuna pedir talvez lenitivos á quem precisa d'elles! Mentirão-lhe! . . . Sob estes tectos opulentos lia muita lagrima vertida no silencio da noite; sobre estes tapétes luxuosos muito pó a desbotar-nos as illusões e affectos! No meio d'estas alfaias o coração vive asphixiado, triturão-se as flôres virgímaes dos primeiros annos, tudo se extingue e morre n'esta atmosphera mephitica! . . . Sabe o que é a miseria doirada? E' isto que nos cêrca e deslumbra a vista! . . . Quer saber onde existe a suprema ventura? . . . Ide adiante, lá mais longe, n'aquella choça isolada á borda do caminho \ . . . Ali sim, é ali que mora a felicidade, a crença, o amor. E' a habitação do proletario, que passa desconhecido entre a turba-multa, mas que á noite repousa tranquillo no regaço da familia! . . . Ainda duvida que eu soffra? Pois bem, confie-me os seus infortunios, e enxugue se póde estas minhas lagrimas!

OCTAVIA — Enganarão-me, ou eu me enganei . . . Ninguém pensará que a senhora é realmente infeliz . . . Ainda ainda ante-hontem divertio-se muito

ADELAIDE — Refere-se ao baile ? . . . Como se engana, minha senhora. Se não fosse obrigada, nem á um só teria assistido. Violentão-me, é um verdadeiro supplicio. Transportem a flôr que devêra crescer e vicejar na penumbra do valle, para onde o sol brilha mais intenso e luminoso, e vê-la-hão fanar-se dia á dia ! . . . *(pausa)* Porém, vamos, o que deseja ?

OCTAVIA — Releve uma pergunta. Nunca amou, nunca foi amada ?

ADELAIDE *(surpresa)* — Dir-se-hia que a senhora sabe a minha vida !

OCTAVIA — Talvez. Entre os seus adoradores, não encontrou porventura um moço de fronte contemplativa e serena, olhar melancolico, desconfiado e tímido como uma creança ? . . . *(tirando um retrato da bolsa)* Veja se conhece, era assim talvez. olhe . . . Chamava-se . . .

ADELAIDE — Esqueci o seu nome *(reparando no retrato)*. Ah ! . . . *(tapa os olhos)*.

OCTAVIA — Porque esconde os olhos ?

ADELAIDE *(com desespero)* — O que quer de mim, o que quer de mim a senhora ? ! . . .

OCTAVIA — Tranquillise-se . . . Este moço é meu parente, vivemos juntos, crescemos um ao lado do outro . . . A sua vida está em perigo . . .

ADELAIDE *(fôra de si)* — Ah ! é demais, é demais, meu Deus ! . . . Combinarão-se para enlouquecer-me ! ! . . .

OCTAVIA — Escute-me. Da senhora depende a felicidade de meu primo . . . Nem elle sabe que vim á sua casa . . . Attenda . . .

ADELAIDE — Seu primo ! Deteste-o, não creia n'elle, porque roubou-me a paz e a alegria ! . . . Movido pela mola do calculo e do interesse sórdido, entrou n'esta casa, e, semelhante á fera que acaricia a victima para feril-a no úmago, fez-me acreditar no seu amor, quando mentia cobardemente *(pausa)*. Corações de bronze, almas vis e gastas ! . . . *(soluçando)* Ah ! pôde dizer á esse homem que me vio chorar . . . Não importa que saiba, são lagrimas que não envergonhão, nem humilham ! Quer saber, era o primeiro amor que florescia em minh'alma, o primeiro amor, comprehende ? !

OCTAVIA — Vejo que a senhora e meu primo forão victimas de uma ignobil traição. Meu primo é innocente, juro-lhe. E' mistér que a verdade resurja. Acredite sinceramente nas mi-

nhas palavras. Julio ama-a e muito. Appello para Deus que nos escuta, elle que seja o juiz, se estou mentindo.

ADELAIDE (*com subita expansão*) — Então?! Ah! baroneza, baroneza!

OCTAVIA — E' de quem se queixa amargamente.

ADELAIDE — D'ella?!

OCTAVIA — Sim, minha senhora, d'ella, e do Dr. Paulo de Benjamin.

ADELAIDE — Dir-se-hia um sonho tudo isto!

OCTAVIA — Dou-me por feliz em ter vindo á sua casa; foi Deus quem guiou-me e ouviu as minhas preces.

ADELAIDE — Consinta agora que lhe beije as mãos . . .

OCTAVIA — Eu é que devo beijar as suas . . . (*abração-se e beijão-se*)

## SCENA II

*As mesmas, o criado, depois a baroneza*

CRIDO — O Sr. seu pai . . .

ADELAIDE (*interrompendo*) — Porque não o fizeste subir?

OCTAVIA — Obrigada, são horas de ir (*pausa*). Posso então levar-lhe uma palavra de esperança? (*A baroneza apparece ao fundo*).

ADELAIDE — Diga-lhe que me não esqueça.

BARONEZA (*baixo*) — O que significará isto!

OCTAVIA — Adeus, queira-me bem.

ADELAIDE — Adeus, minha boa amiga (*voltão-se e dão com a baroneza; ambas ficam sorprehendidas*).

OCTAVIA (*passando pela baroneza*) — Minha senhora . . . (*Sahem; pouco depois entra Adelaide*).

## SCENA III

*Adelaide e a baroneza*

BARONEZA — Quem é essa mulher?

ADELAIDE (*á parte*) — Causa-me medo!

BARONEZA — Então não responde?

ADELAIDE (*tremula*) — E' uma parenta do Sr. Julio de Aguiar.

BARONEZA (*aterrada; á parte*) — D'elle!! . . .

ADELAIDE (*á parte*) — Meu Deus, coragem!

BARONEZA (*fôra de si*) — Tenho a dizer-lha que não a quero mais nem um dia nesta casa. Ouvio! Embusteira!

ADELAIDE (*timida*) — Porque me offende? Nunca lhe fiz mal, senhora! . . .

BARONEZA — Julga que se ha de casar contra a minha vontade e a de seu padrinho? . . . Engana-se.

ADELAIDE (*revoltando-se*) — E julga que se impõe assim ao coração?! . . . Não, nunca! Aceito o martyrio da alma e repillo o contracto do corpo!

BARONEZA (*ameaçando*) — Insolente! Atrevida!

ADELAIDE (*lucrimosa*) — Vitupére, insulte . . .

BARONEZA — As suas lamentações já cansão.

UM CRIADO (*annunciando*) — O Dr. Paulo de Benjamin.

BARONEZA (*perturbada*) — Que suba. (*á Adelaide*) Retire-se.

#### SCENA IV

As mesmas e o Dr. Paulo de Benjamin

DR. P. DE BENJAMIN (*á Adelaide*) — Seu padrinho não está?

ADELAIDE — Sahio. Talvez o encontre no escriptorio.

BARONEZA (*baixo*) — Que irá elle fazer!

DR. P. DE BENJAMIN — No escriptorio não está, vim de lá agora . . . Provavelmente foi ao correio, chegou o paquete. (*Adelaide vai a sahir*) Póde conceder-me alguns instantes, D. Adelaide?

ADELAIDE (*voltando; á parte*) — Nem ousou encaral-o.

BARONEZA (*á parte*) — E' o genio do mal este homem!

DR. P. DE BENJAMIN — Sabe o que venho solicitar de seu padrinho?

ADELAIDE — Ignoro, e pouco me importa saber.

DR. P. DE BENJAMIN — Jezus, V. Ex. odia-me sem um motivo justificavel; não lhe parece, baroneza?

BARONEZA — Estava distrahida, não ouvi . . .

DR. P. DE BENJAMIN — Trata-se de seu futuro, D. Adelaide.

ADELAIDE — Do meu futuro?! . . .

DR. P. DE BENJAMIN — Sim, venho solicitar a sua mão.

ADELAIDE — Sem consultar-me? . . . E' original! . . . Então o que sou?! . . . Uma mulher que pensa e escolhe, ou uma cousa?! . . . (*o Dr. Paulo ri-se*) Ria-se, póde rir-se! . . . A Providencia que véla do céo será o seu juiz, como o senhor tem sido o meu algoz!

DR. P. DE BENJAMIN — Sempre recriminações . . .

BARONEZA (*baixo*) — Qual será o desfecho d'esta comedia !

ADELAIDE — Se tivesse uma irmã, ah ! se o senhor possuísse uma irmã, saberia avaliar o coração da mulher, respeitaria essa creatura fragil, que sabe ser mãe e esposa, em cuja frente Deus asselou uma missão divina. Porém, como eu, o senhor não co-lheceu familia ; quando abriu os olhos era orphão ; quando eu abri os meus era — engeitada !

DR. P. DE BENJAMIN — V. Ex. chora ?

ADELAIDE (*como delirante*) — Pobre filha do erro ! o teu patrimonio forão lagrimas ; derrama-as sobre o camiuh ladeado de espinhos excruciantes até chegares ao ultimo marco ! (*Depois de longo silencio*) Ah ! senhor, por sua causa tenho sido por demais mortificada, por sua causa lanço-me em rosto os beneficios que tenho recebido, accusão-me de engeitada, chegão até a insultar a memoria de minha mãe ! . . .

BARONEZA — Mentirosa, calumniadora !

ADELAIDE — Calumniadora !

DR. P. DE BENJAMIN — Contenha-se, baroneza.

BARONEZA — Estou em minha casa. (*avançando para Adelaide*) Intrigante ! !

ADELAIDE (*fôra de si*) — Meu padrinho, onde estás ; meu padrinho ! . . .

## SCENA V

Os mesmos e Fernando de Magalhães

F. DE MAGALHÃES (*inquieta*) — O que tens, o que foi ? ! . . . O' falla-me . . . falla-me, filha ! . . . (*à baroneza*) A senhora é . . . (*abraça Adelaide*).

BARONEZA — Basta de jogar-me insultos ! . . .

DR. P. DE BENJAMIN — (*apresentando a letra a F. de Magalhães*) Venho receber a importancia d'esta letra. O seu credor já não é mais o commendador Torres.

F. DE MAGALHÃES — Não tenho dinheiro, e faça o que entender.

ADELAIDE — Ah ! comprehendo agora tudo ! O' meu padrinho, eu não sabia, nem poderia suspitar ! . . . Perdão, perdõ-me ! . . . Se foi o unico que salvou-me do infortuio, não mal diga quem, para salv-o, é capaz de sacrificar a existencia ! (*voltando-se para o Dr. Benjamin*) Estou prompta, senhor, aqui tem a minha mão. (*baixo para elle*) Senão posso ser esposa, sel-o hei escrava !

BARONEZA (*aterrada*) O' Providencia, Providencia !

F. DE MAGALHÃES — Não, não consentirei! A pobreza honrada não envergonha, filha. A minha resposta é a mesma, faça o que lhe aprouver, senhor.

DR. P. DE BENJAMIN (*baixo*) — E' orgulhoso! Serei inflexível.

F. DE MAGALHÃES (*tirando do bolso uma carta*) — Desculpe-se tomci a liberdade de tirar esta carta do correio. (*entrega-a ao Dr. Benjamin*)

(*Enquanto o Dr. Benjamin lê a carta, sentindo grandes commoções, F. de Magalhães conversa com Adelaide; a baroneza, porém, segue os movimentos do doutor.*)

DR. P. DE BENJAMIN (*como fulminado*) — Ah!

F. DE MAGALHÃES E A BARONEZA (*ao mesmo tempo*) — O que é, doutor?!

DR. P. DE BENJAMIN — Nada . . . deixem-me, preciso respirar . . . (*levando as mãos á cabeça*). Meu Deus, meu Deus! Misericórdia!

F. DE MAGALHÃES — Que tem?

DR. P. DE BENJAMIN (*baixo, á F. de Magalhães*) — Leia esta carta . . . e cale-se. (*ajoelhando-se diante de Adelaide*) Perdõe, esqueça tudo . . . Se alguém perguntar-lhe pelo Dr. Benjamin . . . responda que morreu.

F. DE MAGALHÃES (*com alegria*) — Será possível!

DR. P. DE BENJAMIN — Consinta que lhe beije as mãos . . . e não esqueça jámais estas lagrimas inconsolaveis que o coração não pôde suffocar no derradeiro adeus . . . (*sahindo*).

ADELAIDE (*á parte*) — Que mysterio incomprehensível.

F. DE MAGALHÃES (*com explosão de alegria*) — Abraça-o, Adelaide, é teu irmão!

BARONEZA (*acabrunhada, baixo*) — Seu irmão?!

ADELAIDE (*sorpresa*) — Meu irmão!!

F. DE MAGALHÃES — Sim, sim!

ADELAIDE (*abrindo os braços para Benjamin*) — Meu irmão?!

DR. P. BENJAMIN (*idem*) — Minha irmã! minha irmã! (*abração-se*).

BARONEZA (*fulminada*) — Ah!

F. DE MAGALHÃES (*apontando para o quadro*) — Deus dispõe!

# TANCREDO

---

## VIII

E' noite . . .

Alta vai ella . . . Iuda sôa no espaço a ultima vibração do campanario da cathedral. que tangerá meia noite, quebrando por momentos a immensa soidão, para dizer um ultimo adeus ao dia que expirára, arrebatado nas azas do tempo.

Porto Alegre, festiva e buliçosa, repousa adormecida no tapiz de suas collinas á sombra da paz tranquilla que agasalha seu seio . . .

Tudo dorme . . . e o silencio em toda a parte reina, como um saliente contraste aos ruidos do dia que findou.

E esta cidade onde trinta mil entes aspirão o ar da vida, á horas mortas assemelha-se á uma multidão de moimentos, encerrando em seus muros a mais profunda solidão.

Tudo dorme e repousa . . . Só a lua, atalaia dos páramos ethereos, percorre vigilante a vasta amplidão, derramando em seu curso as irradiações de sua luz pallida e merencoria . . .

A viração é fria e gélida a atravessar a medula dos ossos, e como mais um vivo contraste, a noite de luar não reúne em si o util ao agradável.

E' que as noites de luar do inverno, embora as mais bellas,



não têm a poesia harmoniosa das noites de estio das terras inter-tropicaes, e nós estamos em Julho, no coração da quadra inver-nosa, que impera desapidadamente na atmôphera de nosso sul.

Não sei porque as estações em seus cursos periodicos sellão com um signal peculiar sua passagem sobre a terra, deixando uma face visivel ao olhar investigador. Como as ruinas babylo-nicas ainda hoje attêstão a grandeza de uma geração que lutou para não morrer esquecida na poeira dos seculos, parece-me que o tempo, tão vaidoso de si, como as Semiramis de seu man-do real, colloca marcos na arena que trilha, para serem as idéas vivas da historia de sua época . . .

E assim passa e caminha, ora sobre a estrada poeirenta tape-tada de sarças, ora sobre a veiga esmeraldina alcatifada de flô-res . . .

E caminha sempre por entre as sarças e flôres, como o Ahasvero da legenda buscando seu norte — o infinito . . .

Conviva eterno no festim do mundo, com elle marcha, galo-pa no espaço arrastando comsigo os elementos de que dispôseu braço vetusto, aos quaes sua vontade soberana indica os ru-mos . . . e caminha sempre na realeza sultão, tendo por harem o immenso orbe.

Viajor eterno marcha, atirando no vasto estadio um marco, que é a ultima pagina que finalisa uma quadra, como enceta os passos de uma outra . . .

Agora reina o mez de Julho, como a bacchante semi-nua re-clinada na mesa da orgia, funebre e sombrio como suas noites revoltas do pampeiro.

. . . . .

Por entre as nevoas da noite de luar branqueja a casinha branca na fralda da collina.

As frestas mal cerradas dos batentes das janellas deixão coar a claridade baça e frouxa de uma luz branda . . .

Parece que para seus habitantes as badaladas da meia noite não tinhão marcado as horas de descanso, talvez porque no lar do pobre são escassos os momentos de repouso, emquanto os de labor sobejão, ou quem sabe se as azas negras da desgraça abri-gavão mais uma vez uma pagina lutuosa para escrever no livro domestico da familia da casinha branca.

Quem sabe?! . . .

Approximemo-nos mais perto, e investiguemos a origem de semelhante luz á horas tão mortas . . .

As janellas meio erguidas deixão o ar penetrar livremente por entre as portas apenas cerradas; o mais leve ruido não vem

de dentro perturbar o silencio de fóra, e á primeira vista dir-se-ia que dormem todos nesta casa, facilmente accessivel ao primeiro que nella quizesse entrar . . .

Entremos, já que não é necessario bater, porque a porta tambem aberta, como as janellas, facilita-nos a entrada sem ser preciso importunar a ninguem, annunciando-nos com o estrepito das palmas estabelecidas pelas convenções sociaes, e livre de qualquer censura ante nossos direitos de narrador.

A luz pallida de uma lamparina esclarece a modesta sala em que nos achamos, lançando seus fracos clarões até a alcova.

Na parte apenas esclarecida projectão-se duas sombras junto de um leito, que occupa o fundo da alcova, e sobre a qual existe um corpo, cuja respiração um tanto alta annuncia que dorme.

A casinha branca muda e silenciosa assemilha-se a um ermo povoado de tristores, onde apenas o crepitar da lamparina na sala de visitas, e o respirar afadigado da pessoa adormecida na alcova, indicão estar habitada.

As duas sombras que divisão-se, tomar-se-hião por duas estatuas ; tal é a immobilidade de ambas, revelando terem os individuos que as projectão suas faculdades concentradas n'um ponto unico.

Só nas fórmãs e nas posições differem uma da outra ; roupagens feminis cobrem o que na borda do leito está sentado, e o que traja vestes masculinas, de pé, junto da cabeceira do mesmo, faz realçar mais, no meio da penumbra, sua estatua varonil.

Ha muito que ali estão sem terem, com uma palavra, quebrado o silencio que os rodeia . . .

De repente, as roupas do leito agitarão-se bruscamente e a respiração do enfermo desfez-se n'um accesso de tosse.

O accesso foi tão rapido quanto inesperado. Os dois vultos achegarão-se mais ao leito, emquanto o doente, com voz desfallecida, murmurava : — Luz e ar, que esta escuridão suffoca-me ainda mais que as minhas dôres.

A explosão de um phosphoro clareou o apozento ; a mão que o accendera chegou-o junto de uma vela, que achava-se sobre uma pequena mesa, collocada junto da cabeceira da cama.

A luz devendou um painel de variegadas côres.

Ali sobre aquelle leito uma nodoa de sangue purpureia as dobras do alvo lençol, e sobre elle debate-se, com uma tosse pertinaz, um moço de vinte annos apenas, ligado a um eculeo de dôr.

E ante esse quadro lutuoso, onde vinte primaveras desfolhão-se uma por uma, duas imagens venerandas curvão-se reverentes ao impulso de dois sentimentos sagrados, de duas religiões sublimes — a do amor e a da cavidade . . .

São uma mãe e um medico . . .

Erão os dois vultos que projectavão-se na sombra da alcova, velando junto do pobre enfermo.

Se ha destinos fataes, o de Tancredo é um delles.

Esse moço, que ainda hontem cheio de vida, sonhava um mundo de encantos, eil-o prostrado — fronte pallida borrifada com o halito do sepulchro.

Ahi mesmo adormecera, sonhando mil venturas, risonhas illusões de infinito amor, e acordára martyr sobre um leito de Procusto.

A sciencia de Galleno, representada pelo nobre ancião que muitas vezes vellava junto do infeliz moço, era infructuosa ante os progressos da molestia. No momento mesmo em que o velho medico conseguira acalmar a tosse do enfermo com uma poção que preparára, talvez que nem um raio sequer de esperança alimentasse.

Comtudo sua fronte não trahia a agitação interior; se tinha receios, sabia-os occultar tão bem que D. Elvira não descrera da situação, esperando vêr seu filho réstabelecido.

Pobre velha, com os padecimentos do filho envelhecera mais dez annos, sem comtudo murmurar uma queixa contra a sorte cruel, que anniquilava e abatia a afeição mais cara de sua vida.

São quatro horas da manhã . . .

Tancredo, depois de um abatimento de duas horas, occasionado pelas golfadas de sangue, melhorára sensivelmente, apparecendo uma reacção que promettia muito, e deixava ao pobre moço momentos tranquilllos para fruir docemente com aquelles que o amavão.

A transição era tão rapida quanto fôra o accesso que o abatera; as molestias do peito trazem estas contradicções.

Quanto á nós, na insufficiencia de conhecimentos da materia, nos cingiremos á opinião do facultativo que tem observado passo á passo as alternativas desta natureza juvenil, lutando tenazmente com um mal cruel.

Antes de ir adiante, digamos duas palavras sobre o Dr. André.

Poucas e singelas serão, mas justas e legitimas.

Quando em face de uma sociedade madrasta, o operario desta grande fabrica social faz da profissão um sacerdocio, esse ento tem algum tanto de sublime . . .

O Dr. André é um destes perfis ricos de caridade e amor.

Estimava extremosamente a Tancredo, á quem conhecia desde os mais verdes annos, pois fôra amigo de seu pai, como ainda o era da familia.

Assim, quando o moço sentio-se ferido pela molestia, filha de acontecimentos imprevisos, o nobre medico não abandonou a cabeceira de seu joven amigo, onde partilhou com a mãe todos seus pezares, como lamentou a causa que os fizera nascer, animando um e outro com suas palavras unguidas com o balsamo da amizade.

Conhecedor intelligente de sua profissão, julgava quão difficil seria a cura, se em vez de combater a causa deixasse-a pelos effeitos. A molestia era oriunda de um mal moral, e sua longa experiencia lembrava-lhe que taes soffrimentos não se curão com a medicina.

As molestias da alma combatem-se com a medicina do espirito, a unica razoavel, e com o seu melhor palliativo — o tempo.

Assim fazia o Dr. André. Desde que passára a crise e o moço sentira melhoras, tentou elle por meio de suas palavras e maneiras joviaes desfazer as tristes impressões deixadas pelas ultimas golfadas de sangue, e que tanto tinham ferido o animo já abalado de Tancredo.

Mas este revelava seu desalento nestas palavras docemente pronunciadas e unguidas de immensa emoção :

— Doutor, não me illudo com meu estado de saúde, conheço-o tão bem como o senhor . . .

— Vaidade de rapaz, meu joven amigo, interrompeu o medico, buscando com sua jovialidade desviar os pensamentos do doente de semelhante conversação.

— Não creia, continuou Tancredo, meneando tristemente a cabeça: meu peito é uma atmosphera abafada que aninha a morte . . .

— Socegue, disse o medico commovido, o que o senhor precisa é, acima de tudo, tranquillidade de espirito.

— Ah ! doutor, quanto é facil exigir o que pede, como é difficil de conseguir . . .

— Tancredo ! . . . balbuciou queixosa e reprehensiva, com voz suffocada, D. Elvira, desgraçada estatua de uma dôr profunda.

Ha naturezas que conservão nos grandes soffrimentos uma serenidade apparente, emquanto no coração refervem mil amargores.

D. Elvira era d'ellas, só Deus podia lêr sua alma atribulada de mãe.

— Perdôe-me . . . proseguio o moço sensibilizado, apertando entre suas mãos macilentas a da pobre velha; perdôe-

me . . . que quer ? . . . são fadarios . . . o de seu filho, minha mãe, foi sonhar um anjo onde havia uma estatua, buscar um leito de rosas e encontrar um tumulto . . .

— Cala-te, Tancredo, cala-te ! . . .

— Seja razoavel, meu amigo, murmurava o medico, que erguera-se desasseogado com a emoção do docente.

— Deixem-me fallar, preciso expandir-me para desabafar meu peito extravasando martyrios, quero fitar o passado para ajoelhar-me ante minha mocidade em flôr, ferida pela fatalidade, conversar com meus sonhos de moço, rojados do pedestal de tantas aspirações á aridez d'um deserto. Fadario ! fadario ! . . .

— Esqueça-se d'isso, interrompia o medico afflieto, emquanto D. Elvira, com a voz embargada pelos soluços, concluia a phrase do facultativo :

-- E viva para aquelles que o amão e cujas existencias são uma particula da sua . . .

— Esquecer ! . . . Pedem um impossivel ; aspirei a luz, nella queimei-me . . . phalena louca, rompi a chrysalida e voci . . . no meu vô arrojado perdi as azas . . . a quèda é justa, e ante ella curvo-me sem forças de poder reagir contra o infortunio . . . São destinos, já lle disse, e em face da fatalidade abraço-me á cruz de meu passado . . .

E o pobre moço desatou a chorar . . .

Ha dôres tão fundas, que felizes são aquelles que pôdem orvalhal-as de lagrimas ; estas se não curão, ao menos suavisão.

Na situação, porém, de Tancredo semelhante emoção provocava consequencias que, para esta natureza alquebrada, devião ser fataes.

Assim aconteceu . . .

A tosse recommçou trazendo as golfadas de sangue. A dôr e a consternação estampavão-se nas faces das duas testemunhas desta scena lúgubre.

A' força de beberagens conseguiu o intelligente Esculapio, pela segunda vez, suspender este novo accesso, sem contudo reanimar as forças extremamente abatidas do enfermo. Sua voz mal ouvia-se ; apenas pôde apontar para as janellas da sala de visitas.

Abrião-nas.

Vinha rompendo a aurora.

Aurora merencoria como são as dos céos nevoentos de Julho . . .

Fitou-a por um momento e cerrou as palpebras . . .

O senho do medico annunciou-se . . .

Pouco a pouco a respiração amorteceu até tornar-se imperceptivel . . .

— Doutor! doutor! . . . balbuciou afflicta D. Elvira ante tão assustadores symptomas.

Não se ouvia mais a respiração . . . O Dr. André curvado sobre o leito apalpava com uma mão um dos pulsos de Tancredo, enquanto a outra tacteava sobre o coração . . .

— Então, doutor, dizia desesperada a pobre velha; meu filho, meu filho?!

Todo commovido respondeu o nobre ancião:

— Resignação . . . Tancredo repousa para sempre das lutas mundanas, no seio de Deus . . .

A quéda de um corpo resoou no pavimento da alcova. Era o de uma mulher, á quem tinhão despedaçado o diadema de mãe.

## IX

Em sua marcha precipitada, os acontecimentos precedentes arrastarão-nos.

Forçados por elles deixamos fóra das scenas ultimas personagens que achão-se intimamente ligadas aos factos que trouxeram por consequencia o lamentavel fim do inditoso mancebo, que fechou com sua vida as ultimas palavras do capitulo antecedente.

Entre Marina e Tancredo havia a barreira de uma lapida que os separava para sempre da vida e gozos mundanos; o destino assim o quizera.

Mas, que motivos imperiosos fizeram aquella alma vasada para os grandes commettimentos tombar desalentada e na quéda enrolar-se n'um sudario?

Como a flôr, que a viração toca o debil ramo, dobra-se no hastil e n'elle desfolha-se, assim tambem Tancredo, ao estalar as cordas de sua alma apaixonada, sentio-se ferido e baqueou!

Pertence-nos agora examinar as causas que occasionarão semelhante desenlace.

Somos forçados á retroceder, em busca do ponto de partida, ás explicações necessarias á continuação d'esta narrativa; a leitora nos perdoará este desvio.

Desgraçadamente os zelos que tivera Tancredo não tinhão sido sem fundamento. Jorge da Silva soubera insinuar-se tão bem no animo da moça, que esta deixou-se arrastar, sem reagir

contra o dominio que as palavras do joven official infundião sobre ella.

Não julgue ninguem que queremos, com uma fórma engenhosa, rehabilitar Marina e justificar seu procedimento.

Jámais . . . Só a mytologia grega podia apresentar-nos o halito de Pygmalião animando a estatua . . .

E Marina é uma estatua cinzelada pelo buril da vaidade.

Amára Tancredo emquanto este não tivera um competidor ; mas, quando na arena de sua conquista apparecera mais um pretendente, a moça correu após a novidade.

Do concurso appareceu a escolha definitiva, e ante ella Marina vacillou . . .

Tremia perante o desenlace . . . Era que o egoismo e a ambição não tinham de todo diluido aquella alma juvenil.

Do seio de suas incertezas vierão arrancar-lhe os acontecimentos, precipitando o desfecho.

Jorge da Silva acabava de receber ordem terminante de reunir-se a seu batalhão aquartelado em uma das provincias do norte.

Esta ordem inesperada, que em outro qualquer talvez aniquilasse as aspirações que tinha sobre Marina, foi pelo contrario, para Jorge, incentivo mais forte para vel-as satisfeitas.

Este não contava a paixão por Marina como a primeira de sua vida, em sua carreira de Lovelace tinha um repertorio de episodios para formar excellentes enredos de uma dezena de romances.

Seu coração em questão de amores não envelhecia, e ante um olhar meigo ou uma palavra carinhosa, renascia como a celebre Phenix das fabulosas tradições egypciacas. Um dia, porém, o moço sentio-se realmente subjugado por uma paixão sincera, que não deixava de ser bastante incoherente com seu genio leviano.

Marina tinha podido operar semelhante prodigio, sem que Jorge tivesse tempo para comprehender a transformação subita por que passava. As naturezas levianas são assim, prendem-se sem sentirem aos élos que as enlação ; como ajoelham-se aos pés de um falso culto, em vez de uma religião de verdade, adorando um idolo em lugar de uma idéa.

Preso, como achava-se o moço, sua posição não deixava de ser bem critica ante a fatal ordem de marcha.

Uma manopla de ferro esmagava-o cruelmente . . .

O que restava-lhe, foi o que pôz em pratica :

Ou retirar-se, cedendo ampla liberdade a seu rival, ou então partir, ligando a moça por um compromisso . . .

Jorge não vacillou, optou pela segunda parte.

Pedio Marina . . . e foi aceito . . .

Desde então até o momento de partir o joven official frequen-  
tou assiduamente a casa de D. Margarida.

Enquanto Jorge e Marina entregavão-se aos doces enleios das  
confidencias, Tancredo agonisava victima do olvido, como mar-  
tyr sublime de seu amor.

Assim correrão os dias placidos e serenos para ambos, sem  
que mesmo para elles a morte de Tancredo annunciasse o céu de  
suas aspirações.

Emfim chegára o dia em que o joven official devia partir pa-  
ra o norte.

O casamento realizar-se-ia d'ahi a quatro mezes.

Para isso, Jorge pediria uma licença, e no caso de não ser  
concedida, uma procuração cortaria os obices que apparecessem.

O moço partio . . . com as lagrimas de Marina e as ben-  
ções de D. Margarida.

Tinhão decorrido quatro mezes depois das scenas anteceden-  
tes.

Era um bello dia.

Onze horas, a momentos tangera o campanario, e o sol qua-  
si tocava no zenith.

Em uma casa de conhecidos era tudo alvoroço n'esse dia.

O paquete da cõrte tinha fundeado no ancoradouro do Gua-  
hyba.

Na sala de visitas dessa pequena casa, respirando alegria e  
festa, achavão-se duas senhoras em trajes de quem espera al-  
guem, que annunciára sua vinda.

Erão D. Margarida e sua afilhada.

Marina trahia sua anciedade, revelando-a em cada gesto ou  
em seu olhar fito na porta da entrada.

Mais de uma vez sua boquinha tinha, despeitada, murmura-  
do — que demora!

Na anciedade e expectativa decorreu uma hora.

O silencio reinava na sala, quando de repente ouvirão-se pas-  
sos ligeiros no corredor.

Moça e velha erguerão-se subitamente, emquanto aquella,  
mais ligeira e impaciente pelos annos, corria á porta, e abria-a ;  
esta, menos agil, parára no meio da sala, prompta a receber o  
recem-chegado.

Aberta a porta, assomára o vulto de uma escrava.

— Então, Maria?! . . . perguntou a moça afflicta.

— Não veio, sinhá, respondeu a negra ao mesmo tempo que  
estendia a mão entregando um papel.



Marina rasgou o envelope da carta, e desdobrou-a.

A' leitura d'esta, as rosas purpureas do rosto lindo da joven desaparecerão substituidas por um pallor mortal.

D. Margarida correu á afillhada, arrancando-lhe a carta.

Marina estava desfeita em lagrimas, no momento em que sua madrinha lia na fatal missiva o que se segue :

« Senhora.

« Debaixo da mais dolorosa impressão, traço estas linhas. O destino anniquila meus sonhos de outr'ora tão cheios de encantos e ricos de poesia . . . As esperanças de meu passado que quizera realizar, vejo esvaecidas pela mão cruel da fatalidade . . . Entre nós existe um — impossivel . . . Perdôe-me . . . Lamento a posição desgraçada em que me acho, porque nem posso justificar-me . . . Desligo-a do compromisso que contrahio commigo. Ficalivre . . . e possa a senhora fruir junto de outro a felicidade que eu não posso dar . . . Quanto á mim, livre tambem, viverei das doces reminiscencias do passado.

JORGE DA SILVA. »

D. Margarida estava petrificada. Não tinha comprehendido bem o que lera, mas o final a ferira mais cruelmente do que tudo o que precedera.

O casamento desfeito era o que ella julgava — impossivel — mesmo ante a assignatura do noivo, verdadeiro phantasma de uma negra realidade.

Para cumulo de desespero a pobre velha ignorava as causas que motivavão uma resolução tão subita quanto inesperada.

Que juizo fazer de semelhante procedimento? O silencio de Jorge encobriria uma desgraça ou seu mysterio n'um caso tão grave era filho de uma infamia?

Estas e outras conjecturas vinhão ao espirito atordoado de D. Margarida, sem achar uma solução que a deixasse menos perplexa.

Assim correrão as primeiras impressões.

Quanto á nós, diremos sómente, que, se D. Margarida tivesse na noite d'esse mesmo dia percorrido os circulos femininos da capital, teria facilmente encontrado as explicações que tão ansiosamente desejava.

▲ aqui relatamos o que se propalava em alta voz.

Nem mais, nem menos, garantia-se que alguém recebera participação do proximo casamento de Jorge da Silva com uma joven e rica herdeira de uma familia da côrte.

Se havia veracidade no que contavão, é o que completamente ignoramos.

Algumas palavras sobre uma pessoa que nos é cara pelos laços de sympathia que nos soube inspirar.

Fallamos de D. Elvira, a infeliz mãe de Tancredo.

Ainda vive no seio da familia do Dr. André, que a conduzio para seu lar domestico desde a infausta morte do filho.

Ahi, subsiste rodeada do prestigio da veneração, que suas virtudes gravadas na fronte senil, infundem em todos que a conhecem.

Seus labios, se não têm ainda sorrisos, é porque no coração vicejão saudades; comtudo, o tempo, balsamo que suavisa as dôres da alma, vai fazendo-a mais resignada.

Vive completamente retirada do mundo que não tem mais encantos para ella, apenas sahe uma vez por mez; é justamente no dia em que seu filho trocou a existencia terrestre por uma mais bella.

Nesse dia, em companhia de uma filha do velho medico, ella dirige-se ao cemiterio. Interna-se com sua companheira por entre as ruas de campas que cobrem todas as direcções, toma o lado esquerdo e vai ajoelhar-se junto de uma lapida rodeada de goivos e saudades, que tem por epitaphio um simples nome.

Ahi, entre lagrimas conta ella á joven menina a historia inditosa de Tancredo — o sonhador.

#### APRILLES PORTO ALEGRE.

Porto Alegre — 1872.

## CONTOS RIO-GRANDENSES

---

### INTRODUÇÃO

Desculpe o leitor se em um cantinho da *Revista* lhe vem tomar a atenção acostumada ás bellezas do estylo florido e ás grandezas de assumpto bem desenvolvido, penna menos habil e mais deselegante que outras muitas, que mensalmente despargem as flôres de uma imaginação rica nas paginas da *Revista*.

Não tenho outras pretensões com esta ousadia, senão estimular com o exemplo de coragem intelligencias, que algures existem, a envidarem seus esforços e trabalharem no desenvolvimento de uma litteratura patria.

Creio, como alguns escriptores nacionaes, que temos elementos de sobra para fazermos independencia litteraria, e estabelecermos na federação das lettras republica á parte.

Como elles, acho que o cunho americano deve-se ostentar em todas as producções do genio brasileiro; que um raio do sol das Americas, que doira as nossas fronte juvenis, deve espelhar-se brilhante nas producções da musa dos brasileiros.

Dos hombros da nayade do Amazonas affastemos o manto servil da imitação européa, pesado para o nosso clima ardente, e demos-lhes as vestes leves, gentis, da virgem das florestas natalicias !

Não modelemos tanto as nossas inspirações pelo cadiuho europeu, nós que na mais opulenta plaga lençamos a epopéa estupefada da criação no livro infinito da natureza. De originalidade ou ao menos naturalisação da idéa, precisa a litteratura patria, que não comporta sem escandalo as creações farçarias á laia das do ingenioso Ponson, e os heróes exdruxulos, impossiveis, de Feval e Montepin.

A mesma no velho ou novo mundo é a poesia do coração; são os mesmos os sentimentos poderosos que accordão na alma do filho deste ou daquelle hemispherio; os mesmos que despenhão da cuniada agitada das paixões individuaes, ao impulso do vento do desespero, as catastrophes da vida.

Mas, segundo a região, clima ou natureza do paiz, são as condições de vida dos povos; outra a face predominante do seu caracter; outras as suas inclinações naturaes, o seu sentir social: como que todos os povos têm uma alma natal.

Em qualquer parte do mundo o homem é o mesmo; porém, mais ou menos modificado por influencia da civilisação no gráo que goza, dos usos e costumes particulares á cada um, das instituições que mantém e das crenças que adopta. Mesmo phisicamente, immensas são as distincções entre os filhos de paizes diversos.

Quem não distingue á primeira vista (falto no geral), á regular distancia, em uma roda de brazileiros o filho de Portugal?

Não é preciso que elle falle para indicar-se-lhe a naturalidade!

E Portugal é de algum modo nosso avoengo; nossos antepassados se entroncão na familia luzitana.

Entretanto de commum temos a lingua que fallamos, já com accentuada côr brazileira, a casa de Bragança e Bourbon, cujo sceptro aguilhõa o gordo costado luzitano e a um pouco mais franzina lombeira brazileira, e instituições caducas, desprestigiadas, que mutuamente se copião.

No sangue do nosso povo corre, de mescla com as portuguezas, gotas de outra raça; em nossa imaginação pollulão outras idéas, em nosso coração outro sentir e em nossa alma outras ambições.

Não é o bom lavrador do Minho, que após prolongado trabalho em suas geiras descança ao crepitar dos velhos cepos no fogo da lareira, — o audaz gaúcho que võa nos pampas do sul montado no furioso bagual, tendo por patria a solidão sem fim, sem amores nem familia, sem laços que o detenhão em sua vida errante! Não é o barqueiro do Douro, não é o saudoso pescador do Tejo, — o intrepido jangadeiro dos mares do norte, que no fragil lenho arrosta a sanha do oceano sem descôr; — o fobuisto

caboclo do Pará, que enthronizado na piroga corta com o reino subtil as argenteas escamas do rei das aguas! O trabalhador da Beira, que passa longos serões ao lado do fogo na debulhada do trigo, — não é o escravo brasileiro, que ao cantar do gallo á meia noite, mal dormido, corre ao som do sino da charqueada, tremendo de frio que corta, sob o açoite ameaçador do capataz, á cancha, para matar bois até dia alto, e d'ahi até á noite lidar com carnes: isto, mezes seguidos, uma safra inteira!

E nos faremos nós servís imitadores, e diremos não ter elementos proprios?

Do velho e decadente Portugal, mortuario esquife onde repousão para sempre as glorias de um povo illustre, que ha dois seculos conduz á sepultura a dynastia de Bragança, fatal coiveiro, — ao Brazil, que, ainda envolto nas fachas da infancia, prega os olhos scintillantes, onde boião inebriadas as aspirações do seculo, no véo azul que venda o horisonte do futuro; entre o berço que nasce para a vida e a tumba debruçada na morte, vacuo immenso se estende.

O genio portuguez, lidador cansado, de alvas cans á mercê dos ventos, assenta-se á beira da estrada, invalido hoje, a embeber-se nas scismas de um passado venturoso de poderio e gloria; rememorando um por um todos os seus feitos grandiosos nas éras que já lá vão. Volve olhos saudosos ao passado, relê folha por folha a historia grandiosa do seu arrojo e genio, e de seus labios frios como o bafejar da morte, ao vêr tumultuariamente desfraldarem o estandarte do seculo nas ameias do progresso os povos viris, escapão-se as palavras: « Ai! já não posso mais! »

Mal sabia Camões que, ao fechar o seu immortal poema, fechava para sempre as laudas olympicas de sua historia patria, que o arrojo luzitano escrevera no dorso intermino do oceano, nas ilhas descouhecidas, perdidas no leito dos mares da Oceania, verdejantes a boiarem sobre as aguas, quaes berços de nenuphares nas correntes do patrio Amazonas, e nas terras balsamicas do Indostão, onde agita a campainha requebrada no languido bailar a indiana feiticeira, onde o cactus divino abre aos affagos tépidos das emanações matutinas a corolla esplendida no leito do Gauges, e o pagode colossal de pedra boceja nas serranias do Himalaya sob o céu abrazador!

Mal sabia Camões que o diadema do senhorio dos mares e da soberania do oriente tombava da fronte luza, a sepultar-se no oceano, murmuradora testemunha de tanto heroismo! Mal sabia que na epopéa gigantesca que traçara nas horas aziagas do desterro, lavrava o testamento magestoso de sua patria. E que

(coincidência fatal!), ao descerrar-se a lousa sobre o poeta mendigo, de um povo rolava o cadaver no mesmo chão de morte!

Ha uma intima collisão entré a grandeza social dos povos e seu floreseimento nas lettras. Quando corre impetuosa a seiva vital n'uma nação que espanteja a fronte desgrenhada no ether puro das idéas grandes, intima commoção arroja do coração da sociedade aos quatro ventos as produções do genio. Se ao contrario cõa-lhe no corpo entorpecido a gelidez da indifferença, a estagnação da vida, resente-se nas lettras o mesmo torpôr que humedece a face bolorenta á sociedade amortecida. E não peção fogo ao gelo, enthusiasmo á indifferença, arrojao ao estacionario, movimento á inercia, vida á morte!

Só novo Christo, trazendo a palavra inspirada das commoções vitaes á essa poeirenta Necropolis, poderia, aquecendo ao calor do fogo das tempestades populares, erguer Lazaro da sua tumba secular, banhado nas ondas de luz das crencas nobres. Só a palavra omnipotente que desencadêa o furacão das paixões a turbilhonar nas endas da população, poderia produzir a chispa electrica que gera as vocações poderosas, desses que são na sociedade o coração da humanidade.

Nestas épocas então, como que de cada restea do sol do ideal se gera um desses filhos immortaes do incendio, ao choque das idéas que se combatem, arremessando, soberhos de energia e virilidade em todos os sentidos, estrophes de fogo, coruscantes e terriveis que fazem em sustos os reis nos thronos conchegarem a purpura ao corpo, e as estatuas dos velhos monarchas estremeçerem em seu pedestal de bronze!

Os vagos rumores, vozes inintelligiveis, se condensão, agiganteão, tornão-se uma orchestra formidavel. A scintella torna-se fogueira, a fogueira incendio após longa laboração, por vezes surda, no peito popular: então da tela enrubecida, sob o céu inundado em luzes, destacão-se os vultos colossaes dos Mirabeaus, dos Vergniauds, circumdados da pleiade sublime dos crentes do progresso, com as vozes a desfazerem-se em hymnos, e as idéas em epopéas esplendidas! E' do fogo que alimenta o enthusiasmo nas intrepidas gerações de herões, que arrastarão por vezes o carro da revolução pela Europa, baptisada na pia da razão, proclamando aos povos os principios immorredouros do direito, que nascerão os Hugos, Lamartines, os Berangers, Mussets, Mérys, Quinets, e outros talentos poderosos que o sepulchro guarda.

Na Allemanha sonhadora, agitada pelo pensamento democratico da grande patria germanica, respondendo á mascula geração da França é que Goethe, Schiller, Heine deslumbrão com o seu genio grandioso a alma da humanidade; enquanto a

Inglaterra atira ao continente, errante, aventureiro o seu caprichoso *lord*, que foi expirar nos braços da liberdade, a um sorriso do céu oriental nas plagas feiticeiras da Grecia. Irrompeu o genio brilhante de Shakspeare, irromperão os rasgos omnipotentes da inspiração de Milton, aos arrebóes da revolução ingleza, que decepára um rei, banira uma dynastia, e derrocára instituições nefandas, ateando para sempre no coração inglez o sentimento da liberdade.

E o que é feito dessas almas, oceanos do genio, onde boiava a arca do progresso aos lumes da liberdade? Que o responda a urna cineraria que guarda as cinzas frias dos apóstolos da moderna civilisação.

Um a um têm desaparecido todos esses coripheus da grande era litteraria, e não têm tido herdeiros.

E o que póde nestas delicias de Capua, em que se embevece a sociedade, inspirar a imaginação do poeta, a fazel-a soltar epico vôo pelos páramos sublimes da poesia? As intrigas e côchichos dos bastidores monarchicos? As farças mais ou menos nojentas do constitucionalismo representativo? As scenas geralmente representadas pela realeza, no lameiro da corrupção; as farças degradantes, aviltantes do Baixo Imperio? ou a estagnação moral a que hemos tocado n'este lúgubre Asphaltita, quando as idéas do futuro, como que a custo respirão nos pulmões da humanidade?

Póde inspirar imaginação alguma de poeta, sériamente de poeta, os gozos do materialismo? Desferir vôos epopeiacos? E n'esta época em que a alma se emerge na descrença, e o coração esfria sem o calor da fé? quando como a gangrena a indifferença alastra?

Não! Sem interno queimor que accenda o facho da inspiração na frente, sem a força motriz que a desvendar outros céos exalça a alma.

E essa força motriz paira em outras regiões, que não as da miasmatica actualidade.

VICTOR VALPIRIO

(*Continua*)

MELANCOLIA

A' tarde, na minha terra,  
Avistando além o rio,  
Quando o vento passa frio  
Nas tybaúvas da serra,

Eu viço saudosas notas  
Cantadas no doce val,  
A' sombra do laranjal  
Cujas flôres rolão sóttas.

E' o cantor das campinas,  
O canôro gaturamo,  
Que pousado sobre um ramo  
Cantá à estrella vespertina.

N'ossa doce soledade  
Seisma a alma sonhadôra,  
E na tarde que descôra  
Envia um hymno á saudade.

E a minha infancia boiando  
Sobre o rio do passado,  
Qual um lyrio despencado,  
Vai nas aguas fluctuando! . . .

O' meus dias seductores  
Da florida primavera,  
Que bella a vida me era  
N'essa quadra dos amores!

Quantos anhelos desfeitos!  
Quantos suspiros perdidos,  
Qual bateis que vão fendidos  
Da procella nos effeitos!

As sombras descem ligeiras,  
A noite ennegrece os céos,  
E da tristeza nos véos  
Minh'alma se envolve inteira.

E a minha infancia boiando  
Sobre o rio do passado,  
Leva os risos desfolhados  
A saudade me deixando! . . .

AMALIA FIGUEIRÔA.

Porto Alegre.

BOAS NOITES

Oh! quanto é linda a flôr das boas noites,  
Que, da tarde ao cahir, se vai abrindo . . .  
Em celestes effluvios se expandindo,  
Como incenso voando ao Creador!  
A lua, ao despontar, furta-lhe um beijo;  
A brisa, no correr, dá-lhe um carinho;  
E o orvalho, que tomba de mansinho  
E' o amante feliz da casta flôr.

Minh'alma é como a flôr das boas noites:  
Ao cahir do crepuseulo, vai-se abrindo . . .  
Em nuvens de poesia se expandindo,  
São as preces, que envia ao Creador.  
A lua, ao despontar, furta-lhe um beijo;  
A brisa, no correr, dá-lhe um carinho;  
Mas nunca ella sentio cahir mansinho  
Esse orvalho celeste: o teu amor!

DAMASCENO VIEIRA.



## CHRONICA

---

No dia 28 do corrente inaugura-se a bibliotheca publica.

De todos os factos que a chronica deste mez tem a registrar, este é sem duvida o mais notavel. A garrida Porto Alegre que já a muitos respeitoos leva decidida vantagem sobre outras cidades do imperio, não podia por mais tempo estar privada deste grande melhoramento.

As bibliothecas são o complemento das escolas, disse-o um eminente publicista. Esta verdade foi comprehendida pela actual assembléa provincial, que na lei do orçamento consignou uma verba destinada á aquisição de livros para a projectada bibliotheca. Oxalá esta medida salutar seja secundada por outras subsequentes, e o publico se esforce para que não arraste vida ingloria, tão util instituição. Em estabelecimentos d'esta natureza a fundação é o minimo, na sua manutenção é que reside o maximo. Adquirir alguns milhares de livros, classificar-os, organizar por elles um catalogo e depois estacionar aqui, seria o mesmo que construir uma machina a que faltasse a sua principal condição — o movimento. A aquisição de livros deve ser incessante e esta só se póde realizar com o favor dos governos e a animação popular, porque despender avultadas sommas em beneficio do publico, e receber como retribuição do beneficio a indiferença, seria praticar a mais criminosa das prodigalidades.

Com o titulo *Ensaio Litterario* fundou-se n'esta capital uma associaçã litteraria. Irmãs nas aspirações, banhadas pe-

la luz de um mesmo sol, o *Parthenon Litterario* saúda com enthusiasmo a sua joven co-irmã, e estendendo-lhe affectuosa mão ambiciona-lhe gloriosa e longa existencia.

No mesino dia em que se inauguravão os *Ensaio Litterarios* installava-se um club que posteriormente recebeu a denominação um tanto enigmatica de *Club Z*. E' amar o laconismo até o extremo. Com a denominação *Z* cremos que os nossos leitores nem de leve suspeitarão quaes sejão os fins d'este Club. Tranquilisem-seos que atravez da ultima lettra do alphabeto julgarem ser alguma cousa de misterioso e terrivel.

O *Club Z* não é republicano nem monarchista. Não advoga a causa da Internacional nem combate as doutrinas do famoso Karl Marx, é simplesmente um lugar de reunião, onde após o lidar diurno se passão em agradavel conversação algumas horas da noite.

Acaba de sahir a luz o Almanack Rio-Grandense; foi um serviço importante que á população d'esta provincia prestarão os Srs. Azevedo Lima e Vasconcellos Ferreira. Avaliando as difficuldades que seria necessario vencer para coordenar pela primeira vez o material d'esta utilissima publicação, não podemos deixar de reconhecer, que, apezar de algumas lacunas, que nos annos seguintes serão naturalmente preenchidas, estão as differentes secções que o Almanack encerra, dispostas com methodo e clareza, qualidade esta muito recommendavel para quem tem necessidade de consultar a obra.

Approxima-se a festa do Menino Deus. Bem vinda seja. Com quanto não se encontre n'esta festa a franca liberdade, e aquella doce poesia, que tão encantadora torna as festas no campo, lasta possuir ella o condão de levar á risonha capelinha a maior parte da nossa população, para ser desejada com alvoroço. São alguns dias em que se quebra a monotonia d'este nosso viver, e em que o nosso olhar se distrahe com uma cousa, que sendo por demais sedição, tem sempre para nós um não sei que de novo, sorprendente e até arrebatador: — o redemoinhar confuso da multidão. A companhia dos carris de ferro tenciona franquear ao publico antes da festa os seus magnificos carros. Oxalá se realize este intento para que o povo fique mais bem servido de locomoção, tanto em rapidez como em segurança.

O benevolo acolhimento que tem tido a nossa *Revista*, determinou o augmento de oito paginas no presente numero. Que os nossos leitores vejam n'este augmento uma expressão de agradecimento sincero que pelo favor recebido lhes tributa o *Parthenon Litterario*.

M. J. GONÇALVES JUNIOR.

Novembro de 1872.